

ESTUDOS —
INDISCIPLINARES
DE LÍNGUA, —
LITERATURAE —
TRADUÇÃO —

ORGANIZAÇÃO | ATILIO BUTTURI JUNIOR
CELDON FRITZEN | MARIA ESTER MORITZ
NOÉMIA GUIMARÃES SOARES | ROSÂNGELA PEDRALLI



ESTUDOS —————
INDISCIPLINARES
DELÍNGUA, —————
LITERATURAE ———
TRADUÇÃO —————

ORGANIZAÇÃO | ATILIO BUTTURI JUNIOR
Celdon Fritzen | MARIA ESTER MORITZ
NOÊMIA GUIMARÃES SOARES | ROSÂNGELA PEDRALLI



Atilio Butturi Junior
Celdon Fritzen
Maria Ester Moritz
Noêmia Guimarães Soares
Rosângela Pedralli
(Organizadores)

ESTUDOS INDISCIPLINARES DE LÍNGUA, LITERATURA E TRADUÇÃO

EDITORA CRV
Curitiba - Brasil
2017

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

E79

Estudos indisciplinados de língua, literatura e tradução / Atilio Butturi Junior, Celdon Fritzen, Maria Ester Moritz, Noêmia Guimarães Soares, Rosângela Pedralli (organizadores). – Curitiba: CRV, 2017.

434 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-444-1923-6

DOI 10.24824/978854441923.6

1. Linguística 2. Letras 3. Literatura 4. Tradução I. Butturi Junior, Atilio. org. II. Fritzen, Celdon. org. III. Moritz, Maria Ester. org. IV. Soares, Noêmia Guimarães. org. V. Pedralli, Rosângela. org. VI. Título VII. Série.

CDU 806.90

CDD 410

Índice para catálogo sistemático

1. Linguística 410

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Frederico Dominguez Avila (UNIEURO)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Élsio José Corá (UFFS)
Elizeu Clementino (UNEB)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Paulo Romualdo Hernandes (UNICAMP)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Comitê Científico:

Afonso Cláudio Figueiredo (UFRJ)
Andre Acastro Egg (UNESPAR)
Andrea Aparecida Cavinato (USP)
Atilio Butturi (UFSC)
Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)
Daniel de Mello Ferraz (UFES)
José Davison (IFPE)
José Nunes Fernandes (UNIRIO)
Janina Moquillaza Sanchez (UNICHRISTUS)
Luis Rodolfo Cabral (IFMA)
Patrícia Araújo Vieira (UFC)
Rafael Mario Iorio Filho (ESTÁCIO/RJ)
Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)
Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF)
Zenaide Dias Teixeira (UEG)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

Dedicamos este livro à Zilma Gesser Nunes.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
<i>Atilio Butturi Junior</i>	
<i>Celdon Fritzen</i>	
<i>Maria Ester Moritz</i>	
<i>Noêmia Guimarães Soares</i>	
<i>Rosângela Pedralli</i>	
CAPÍTULO 1	
UM ROMANCE INACABADO PRA QUÊ? VALOR E CÂNONE NA LITERATURA FRENTE À PUBLICAÇÃO DE <i>ALABARDAS</i> , DE JOSÉ SARAMAGO	23
<i>Bianca Rosina Mattia</i>	
CAPÍTULO 2	
A VIAGEM E OS TRÂNSITOS FRONTEIRIÇOS NA LITERATURA E NO CINEMA CONTEMPORÂNEOS	39
<i>Magali Sperling Beck</i>	
<i>Anelise Reich Corseuil</i>	
<i>Ana Clarissa Nenevé</i>	
<i>André Ferreira Gomes de Carvalho</i>	
<i>Olegário da Costa Maya Neto</i>	
CAPÍTULO 3	
A TEOLOGIA DO RISO: O humor na Bíblia e na literatura por ela influenciada	53
<i>Salma Ferraz</i>	
<i>Camila Ambrosini</i>	
<i>Charles Vitor Berndt</i>	
<i>Patrícia Leonor Martins</i>	
CAPÍTULO 4	
CONTATO, VARIAÇÃO E MUDANÇA NO ATLÂNTICO	71
<i>Manuele Bandeira</i>	
<i>Shirley Freitas</i>	
<i>Ana Livia dos Santos Agostinho</i>	
<i>Marco Antonio Martins</i>	

CAPÍTULO 5
ENTRE NEOVANGUARDA, TRADIÇÃO E EXPERIMENTALISMO:
os anos do grupo 63.....81
Agnes Ghisi
Helena Bressan Carminati
Elena Santi
Lucas de Sousa Serafim

CAPÍTULO 6
INTER-AÇÕES E TRANS-AÇÕES NA ARTE EM PROSA, POESIA
E TEATRO – ESTUDOS DE LITERATURA EM LÍNGUA ALEMÃ.....99
Isabela Marchi Bazan
Mariana Marchi Bazan
Eliane Luisa Stein

CAPÍTULO 7
A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA DE ALUNOS DAS
CLASSES POPULARES: projeto formativo e
possibilidades metodológicas..... 111
Daniela Cristina da Silva Garcia
Luiza Sandri Coelho
Maíra de Sousa Emerick de Maria
Marivane Pereira Klippel
Rosângela Pedralli

CAPÍTULO 8
PREDISPOSIÇÃO, ESFORÇO E PACIÊNCIA:
palavras-chave para uma problematização da comunicação
com hispano-falantes em Florianópolis..... 123
Leandra Cristina de Oliveira
Marina Jenovencio
Vanessa Correa de Araújo Tissier

CAPÍTULO 9
TRADUÇÃO DA LITERATURA DO SÉCULO DE
OURO ESPANHOL: prosa e verso 137
Andréa Cesco
Beatrice Távora
Cleonice Marisa de Brito Naedzold de Souza
Matheus Ligeiro Barroso Santos

CAPÍTULO 10	
O GLOSSÁRIO COMO FERRAMENTA PARA A TRADUÇÃO CULTURAL NOS GÊNEROS LITERÁRIO E CULINÁRIO	151
<i>Meta Elisabeth Zipser</i>	
<i>Juliana de Abreu</i>	
<i>Sheila Cristina dos Santos</i>	
CAPÍTULO 11	
TRADUÇÃO LITERÁRIA: desafios e reflexões do tradutor	163
<i>Gilles Jean Abes</i>	
<i>Liliane Vargas Garcia</i>	
<i>Beatriz Regina Guimarães Barboza</i>	
<i>Bernardo Antônio Beledeli Perin</i>	
CAPÍTULO 12	
ESTUDOS IRLANDESES NO BRASIL E NA UFSC: novas perspectivas....	179
<i>Rafael Silva Fouto</i>	
<i>Luiz Filipi Schweitzer</i>	
<i>Gabriel Munis Pinheiro</i>	
<i>Alinne B. P. Fernandes</i>	
<i>Maria Rita Drumond Viana</i>	
CAPÍTULO 13	
ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL E EM PAÍSESD E LÍNGUA ALEMÃ:	
multiplicidade e intersecção de formas	191
<i>Rosvitha Friesen Blume</i>	
<i>Felipe Zahtariam de Souza</i>	
<i>Luiz Horácio Pinto Rodrigues</i>	
<i>Júlia Stella Mastrocola</i>	
CAPÍTULO 14	
ESTUDOS LINGUÍSTICOS DA LIBRAS EM SANTA CATARINA: uma pesquisa bibliográfica	207
<i>Aline Lemos Pizzio</i>	
<i>Janine Soares de Oliveira</i>	
<i>Aline Nunes de Sousa</i>	
CAPÍTULO 15	
LÍNGUA ERÓTICA: os sentidos do erótico para todos nós.....	223
<i>Sandro Braga</i>	
<i>Silvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos</i>	
<i>Laura Bueno Pimentel</i>	

CAPÍTULO 16
AS LENDAS SECAS, OS DISPOSITIVOS E AS RESISTÊNCIAS239
Atilio Butturi Junior
Maíra Sevegnani
Maryllu Caixeta

CAPÍTULO 17
O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
NA SALA DE AULA.....253
Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Maria Izabel de Bortoli Hentz
Débora Machado Gonçalves
Gabriel Eigenmann de Carvalho
Gabriel Esteves
Jocilei dos Santos Cabral
Larissa Malu dos Santos
Vanessa Souza Corrêa Husein

CAPÍTULO 18
TRADUÇÃO, RECONTEXTUALIZAÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA
NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO
LÍNGUA ESTRANGEIRA267
André Luiz Ramalho Aguiar
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado

CAPÍTULO 19
RECURSOS PEDAGÓGICOS INOVADORES PARA O ENSINO DE LE: o
professor reflexivo (re)pensando sua prática285
Juliana Cristina Faggion Bergmann
André Luiz de Faria
Irene Graça Coelho
Poliany Soledad Vélez Bernal

CAPÍTULO 20
FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
SOB UMA PERSPECTIVA FORMAL.....299
Núbia Ferreira Rech
Cristiane Lazzarotto-Volcão
Ani Carla Marchesan
Mailce Borges Mota
Daniela Brito de Jesus
Carla Verônica Damato de Souza
Adriana Rocha Felício

CAPÍTULO 21
PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR NO CURSO
DE LETRAS-ALEMÃO: expectativas e resultados.....315
Ina Emmel
Dalvolinda Constantino da Silva

CAPÍTULO 22
A LEITURA E SEUS DESVIOS: os bons e maus leitores327
Ana Paula Santana
Elisabeth da Silva Eliassen
Lais Oliva Donida
Sandra Pottmeier

CAPÍTULO 23
PESQUISAS DO ESPANHOL NA ORALIDADE:
estudos em linguística, literatura e tradução341
Agata Lechner Salvio
Carine Santos Albano
Carolina Parrini Ferreira
Diare Brandelero
Geanne Zichtl Campos Pichetti
Hernán Camilo Urón Santiago

CAPÍTULO 24
PESQUISAS DO ESPANHOL NA ORALIDADE: a tradução
de Clarice Lispector e Graciliano Ramos para o espanhol357
Rosângela Eleutério
Jaqueline Telma Trajano

CAPÍTULO 25
GÊNESE LINGUÍSTICA: o perspectivismo da metateoria das
interfaces em resposta à hipótese de uma linguística pura371
Yuri Fernando da Silva Penz

CAPÍTULO 26
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM CONTEXTOS VARIADOS:
olhares históricos e comparados.....383
Cristine Gorski Severo
Ezra Alberto Chambal Nhampoca
Nathalia Müller Camozzato
Sara Farias da Silva

CAPÍTULO 27	
CINEMA DA PESTE: a epidemia como metáfora de disfuncionalidades sociais nos filmes-catástrofe.....	395
<i>João Antonio Nogueira Ramos Neto</i>	
CAPÍTULO 28	
BUSCA DA IDENTIDADE EM “EVERYTHING IS ILLUMINATED”.....	405
<i>Emanuelle Schok Melo da Silva</i>	
CAPÍTULO 29	
GRAMÁTICAS E ENSINO DE LÍNGUAS.....	415
<i>Monica Monawar</i>	
<i>Roberta Pires de Oliveira</i>	
<i>Sandra Quarezemin</i>	
<i>Danielle dos Santos Wisintainer</i>	
<i>Julia Sabrina Justino</i>	
<i>Nanashara Behle</i>	
<i>Ana Maria Tramunt Ibaños</i>	
<i>Rafael Padilha Ferreira</i>	
<i>Stephanie C. A. Vasconcelos</i>	
SOBRE OS ORGANIZADORES	431

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, assistimos à suspeição em relação aos limites disciplinares que vigoram na ordem dos discursos acadêmicos. No Brasil, o trabalho de Luiz Paulo da Moita Lopes (2006), acabou por popularizar uma série de discussões que, desde lugares distintos, colocam em xeque as fronteiras em que os saberes se constituem e se institucionalizam. O empreendimento que toma corpo desenha-se como um esforço de hifenização, de hibridização e de reflexão sobre as fronteiras que constituem os saberes e nos produzem como atores do conhecimento acadêmico. É nessa arena de teorias e pontos de vista mestiços e em movimento que este livro pretende tomar corpo.

Os textos que aqui reunimos, das topologias em que foram construídos – as topologias, como gostaria Michel Foucault (2013), aqui entendidas como solo exigente a que estamos propensos a resistir –, apontam para a trama complexa com que nos deparamos quando investigamos aqueles fenômenos que repousam sobre a área de Letras. Mais do que isto, esses fenômenos solicitam uma adequação do olhar, uma retomada da poeira que, amiúde, nos protege entre as formalizações e os jogos de poder e de saber dos estudos na Universidade.

Ora, é justamente no interior deste jogo que os escritos desta coletânea querem operar. Inicialmente, num olhar de superfície, marcando os estudos da Linguística, da Literatura e da Tradução. Logo depois, todavia, revelando as marcas e os espectros residuais sobre os quais nos constituímos como pesquisadores, autores, leitores, docentes e discentes de Letras.

O que, afinal, guarda de semelhança a pesquisa sobre a linguística formal e os trabalhos sobre os discursos e as políticas linguísticas? Ou, ainda, quais dispositivos operam na constituição da literatura e na produção das traduções? Quais os saberes e o conhecimento que eles solicitam, para além do que entendemos como as regiões “clássicas” das Letras? A que tipos de sujeito se referem e qual a modalidade de subjetividades e identidades dão a ver?

Dessa perspectiva, qual Borges, os textos se oferecem à leitura exatamente na filigrana em que os caminhos se bifurcam – esta encruzilhada em que nos debatemos e em cujos escombros acabamos por nos entender. Justamente o que aparecia como obstáculo é tomado em sua positividade solicitante: em relação às ditas ciências humanas, em relação às filosofias, em relação às ciências naturais, em relação à política. Os escritos, em seu conjunto, dão mostras dessa vivacidade e da exigência de borramentos, ultrapassando, ademais, a relação entre a graduação e a pós-graduação, o pesquisador de iniciação científica ou o docente universitários, os atores do ensino, da pesquisa e da extensão.

Passemos, pois, à apresentação breve de cada um dos capítulos dessa coletânea, os documentos de uma história de onze anos, na Semana Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Neste livro, trazemos à tona as reflexões da décima-primeira edição do evento, realizado em 2017 e cujo tema foi *O intelectual ausente: Umberto Eco, semiótica e literatura*. É da diversidade problematizadora de Eco que partimos, na empreitada de repensar nosso campo durante uma semana de conferências, palestras, mesas-redondas, comunicações orais, oficinas, minicursos, exposição de painéis e atividades culturais. Entre os mais de mil e duzentos inscritos, aqui oferecemos à leitura vinte e oito trabalhos que, a partir do evento e de suas reflexões, puderam emergir.

O capítulo *Um romance inacabado pra quê? Valor e cânone na literatura frente à publicação de Alabardas, de José Saramago*, de Bianca Rosina Mattia, toma por objeto a publicação, em 2014, do texto – inacabado – do português, e problematiza as funções do discurso literário, a formação dos cânones e os limites axiológicos e disciplinares que perfazem um diálogo ainda em aberto acerca dos fundamentos e da importância da literatura na contemporaneidade.

Os autores Magali Sperling Beck, Anelise Reich Corseuil, Ana Clarissa Nenevé, André Ferreira Gomes de Carvalho e Olegário da Costa Maya Neto, em *A viagem e os trânsitos fronteiriços na literatura e no cinema contemporâneos*, exploram as relações entre deslocamentos e fronteiras a partir de objetos literários e culturais com o intuito de problematizar as relações entre o eu e o outro.

Teologia do riso: o humor na Bíblia e na literatura por ela influenciada, escrito por Salma Ferraz de Oliveira, Camila Ambrosini, Charles Vitor Berndt e Patrícia Leonor Martins, explorando as relações entre a teopoética e o riso, desenvolve abordagens sobre as releituras da bíblia desde Eça de Queirós até as novas formas de comunicação disponibilizadas pela internet.

Em *Contato, variação e mudança no Atlântico*, os estudos de Manuele Bandeira, Shirley Freitas, Ana Livia dos Santos Agostinho e Marco Antonio Martinsen focalizam a fonologia do protocrioulo do Golfo da Guiné e as contribuições dos judeus sefarditas para a formação do papimentu.

Após a Segunda Guerra, em meio ao processo de modernização vivido pela Itália, Agnes Ghisi, Helena Bressan Carminati, Elena Santi e Lucas de Sousa Serafim põem-se a estudar, em *Entre neovanguarda, tradição e experimentalismo: os anos do Grupo 63*, a literatura de escritores a este grupo vinculados.

Isabela Marchi Bazan, Mariana Marchi Bazan e Eliane Luisa Stein, por sua vez, se propõem a desenvolver reflexões sobre o uso de expedientes formais em escritores de língua alemã – Kurt Tucholsky, Rainer Maria Rilke, Ludwig Tieck – em *Inter-ações e trans-ações na arte em prosa, poesia e teatro - estudos de literatura em língua alemã*.

Problematizar a educação a partir de um horizonte de formação humana integral, projeto alternativo ao da formação para hominização, vigente contemporaneamente, é o objetivo que, em *A educação linguística de alunos das classes populares: projeto formativo e possibilidades metodológicas*, Daniela Cristina da Silva Garcia, Luiza Sandri Coelho, Maíra de Sousa Emerick de Maria, Marivane Pereira Klippel e Rosângela Pedralli perseguem.

O trabalho *Pré-disposição, esforço e paciência: palavras-chave para uma problematização da comunicação com hispano-falantes em Florianópolis*, de autoria de Leandra Cristina de Oliveira, Marina Jenovencio e Vanessa Correa de Araújo Tissier, está orientado para a observação dos espaços concedidos às línguas espanhola e inglesa em determinadas áreas públicas e urbanas.

No capítulo *Tradução da literatura do Século de Ouro espanhol: prosa e verso*, assinado por Andréa Cesco, Beatrice Távora, Cleonice Marisa de Brito Naedzold de Souza e Matheus Ligeiro Barroso Santos, são associados e articulados três trabalhos, que envolvem o estudo e a tradução de obras literárias do Século de Ouro, desenvolvidos por pesquisadores do Núcleo Quevedo de Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro.

Em *O glossário como ferramenta para a tradução cultural nos gêneros literário e culinário*, Meta Elisabeth Zipser, Juliana de Abreu e Sheila Cristina dos Santos materializam a intenção de compartilhar o olhar tradutório, no qual a cultura é que precisa ser traduzida, defendendo que ferramentas de tradução, como glossários, são essenciais para o encargo tradutório, que utiliza a língua como instrumento para o ato comunicativo.

Gilles Jean Abes, Andréa Cesco, Liliane Vargas Garcia, Beatriz Regina Guimarães Barboza e Bernardo Antônio Beledeli Perin, no escrito intitulado *Tradução literária: desafios e reflexões do tradutor*, realizam três movimentos: (i) apresentam desafios experimentados com a tradução da narrativa contemporânea de Maite Carranza, *El fruto del baobab*; (ii) discutem a tradução do poema *The Wall*, de Anne Sexton, contido em *The Awful Rowing Toward God* (1975); e (iii) tematizam questões práticas e teórico-metodológicas envolvidas no processo de tradução do poema *Thetis*, em *The World's Wife*, da escritora escocesa Carol Ann Duffy.

Em *Estudos irlandeses no Brasil e na UFSC: novas perspectivas*, sob autoria de Rafael Silva Fouto, Luiz Filipi Schweitzer, Gabriel Munis Pinheiro, Alinne B. P. Fernandes e Maria Rita Drumond Viana, são apresentadas discussões que exemplificam as diferentes abordagens possíveis dentro da área de Estudos Irlandeses, como parte dos Estudos Culturais, Estudos da Adaptação e na interface com a Análise do Discurso e Estudos Literários.

No capítulo *Escrita autobiográfica contemporânea no Brasil e em países de língua alemã: multiplicidade e intersecção de formas*, Rosvitha Friesen

Blume, Felipe Zahtariam de Souza, Luiz Horácio Pinto Rodrigues e Júlia Stella Mastrocola apresentam dois exemplos de escrita autobiográfica, um produzido no Brasil e outro na Alemanha, com o objetivo de buscar possíveis convergências dessa escrita nos diferentes sistemas culturais em questão.

Apresentar um estudo bibliográfico sobre a linguística da língua brasileira de sinais (Libras), com base nas dissertações e teses produzidas nos Programas de Pós-Graduação no estado de Santa Catarina, no período de 2004 a 2015, é o foco do capítulo *Estudos linguísticos da libras em Santa Catarina: uma pesquisa bibliográfica*, escrito pelas autoras Aline Lemos Pizzio, Janine Soares de Oliveira e Aline Nunes de Sousa.

O texto *Língua erótica: os sentidos do erótico para todos nós*, de autoria de Sandro Braga, Sílvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos e Laura Bueno Pimentel, pretende analisar o erótico como gesto cujo sentido se dá juntamente no ponto de congruência entre a língua e o que é interdito pelo corpo, ou seja, o efeito de sentido do erótico se dá pela possibilidade de extensão e imbricação dos corpos via linguagem.

O texto *As lendas secas, os dispositivos e as resistências*, de autoria de Atilio Butturi Junior, Maíra Sevegnani e Maryllu Caixeta, busca refletir sobre lendas, aqui definidas por sua simples existência verbal e não por tratarem de acontecimentos memoráveis, valendo-se de três movimentos em busca de corpos, sujeitos e resistências: sertanejos, pornográficos, infectados.

O ensino de língua portuguesa e literatura na sala de aula, capítulo de autoria de Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, Maria Izabel de Bortoli Hentz, Carine Santos Albano, Débora Machado Gonçalves, Gabriel Eigenmann de Carvalho, Gabriel Esteves, Jocilei dos Santos Cabral, Larissa Malu dos Santos e Vanessa Souza Corrêa Husein, apresenta e reflete sobre experiências de docência, vivenciadas por alunos do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da UFSC, nas disciplinas de Estágio Supervisionado.

Tradução, retextualização e sequência didática no processo de aprendizagem de português como língua estrangeira, de autoria de André Luiz Ramalho Aguiar e Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado, apresenta como a Tradução, a Retextualização e a Sequência Didática podem dinamizar as práticas pedagógicas do ensino de línguas e, ainda, proporcionar aos estudantes, além da leitura e produção, um espaço de encontro com novos saberes e conhecimentos.

O texto *Recursos pedagógicos inovadores para o ensino de LE: o professor reflexivo (re)pensando sua prática*, de autoria de Juliana Cristina Fagion Bergmann, André Luiz de Faria, Irene Graça Coelho e Poliany Soledad Vélez Bernal, tem como objetivo relatar experiências que ilustram projetos

desenvolvidos por licenciandos dos cursos de Letras Espanhol da UFSC, ressaltando também a importância da formação de um Professor Pesquisador Reflexivo.

Em *Fenômenos linguísticos do português brasileiro sob uma perspectiva formal*, as autoras, Núbia Ferreira Rech, Cristiane Lazzarotto-Volcão, Ani Carla Marchesan, Mailce Borges Mota, Daniela Brito de Jesus, Carla Verônica Damato de Souza e Adriana Rocha Felício, apresentam três pesquisas com o objetivo de ilustrar diferentes metodologias de pesquisa no âmbito da linguística formal, tendo por base comum fenômenos sintáticos do português brasileiro.

Ina Emmel e Dalvolinda Constantino da Silva, em seu capítulo *Prática como componente curricular no curso de letras-alemão: expectativas e resultados*, desenham o percurso histórico da legislação da Prática como Componente Curricular (PCC) e a contrapartida na percepção dessa prática por parte de formadores de licenciados e de licenciandos do curso de Letras-Alemão da UFSC, incluindo, também, discussões acerca da nova reformulação na legislação.

Elisabeth da Silva Eliassen, Lais Oliva Donida, Sandra Pottmeier e Ana Paula Santana propõem em seu trabalho, *Letramento, educação e inclusão*, uma discussão acerca dos fenômenos que envolvem a leitura e as práticas letradas em esferas de atividade humana, dando destaque à educação e ao olhar clínico-médico sobre um dos fenômenos de desvios de normalidade na leitura, a Dislexia.

O texto *Pesquisas do espanhol na oralidade: estudos em linguística, literatura e tradução*, de autoria de Agata Lechner Salvio, Carine Santos Albano, Carolina Parrini Ferreira, Diare Brandelero, Geanne Zichtl Campos Pichetti e Hernán Camilo Urón Santiago, tematiza as relações entre a oralidade e a escrita, a partir de análises do filme *Metegol* e *Festa no Céu*, atentando para três variedades do espanhol – argentina, latina e peninsular –, além de apresentar alguns resultados do projeto de extensão CEEMO (*Corpus do espanhol escrito com marcas de oralidade*).

Rosângela Eleutério e Jaqueline Telma Trajano partem também das pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto CEEMO, no texto *Pesquisas do espanhol na oralidade: a tradução de Clarice Lispector e Graciliano Ramos*, para o espanhol. As autoras trazem excertos de pesquisas que pretendiam, desde os estudos da tradução, analisar os esforços de tradução de Lispector (para a América e para a Europa) e produzir uma tradução de *A terra dos meninos pelados*, de Ramos.

Gênese linguística: o perspectivismo da metateoria das interfaces em resposta à hipótese de uma linguística pura, capítulo de Yuri Fernando da Silva Penz, intenta uma discussão de fundo epistemológico e histórico acerca das

teorias da linguagem – notadamente, do século XX –, colocando em debate a suposta cisão entre a linguística pura e a linguística descritiva.

As pesquisadoras do Grupo *Políticas Linguísticas Críticas* (UFSC), Cristine Gorski Severo, Ezra Alberto Chambal Nhampoca, Nathalia Müller Camozzato e Sara Farias da Silva, colaboram no presente volume com o capítulo *Políticas linguísticas em contextos variados: olhares históricos e comparados*. O escrito recobre, de uma perspectiva crítica, pesquisas sobre o dispositivo da oralidade brasileiro, sobre o papel das línguas em Moçambique e sobre a produção de uma espécie de “tipo ideal” de imigrante brasileiro para a província do Québec.

O texto *Cinema da peste: a epidemia como metáfora de disfunções sociais nos filmes-catástrofe*, de autoria de João Antonio Nogueira Ramos Neto, recorresobretudo a Susan Sontag e a Artaud para traçar uma análise do filme de horror *Vírus*, de 2010, na qual a violência a uma espécie de “política da peste” tem lugar.

Emanuelle Schok Melo da Silva demonstra como a identidade pode ser forjada através da análise dos narradores do livro de Jonathan Safran Foer, *Everything is Illuminated (Uma vida iluminada)*, Jonathan e Alex, no seu capítulo intitulado *Busca da identidade em Everything is illuminated*.

No último capítulo, *Gramáticas e Ensino de Línguas*, Monica Monawar, Roberta Pires de Oliveira, Sandra Quarezemin, Danielle Wisintainer, Julia Justino, Nanashara Behle, Ana Ibaños, Rafael Ferreira e Stephanie Vasconcelos abordam as repercussões teóricas, experimentais e pedagógicas ao assumir a gramática em sua abordagem científica, sistematizada, não normativa, e o ensino de línguas.

Tendo apresentado os trabalhos que compõem esta obra, cabe agradecer pelo engajamento e pela acolhida da proposta desta nova publicação, associada à Semana Acadêmica de Letras da UFSC, aos autores, aos Departamentos de Língua e Literatura Vernáculas, de Língua e Literatura Estrangeiras e de Libras, bem como ao Centro de Comunicação e Expressão e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, ambos desta instituição, pelo apoio. Por fim, mas não menos importante, registramos nosso agradecimento ao patrocínio da CAPES, pelo Edital PAEP 2016, que concedeu apoio financeiro essencial à produção deste livro e à realização do evento.

Atilio Butturi Junior
Celdon Fritzen
Maria Ester Moritz
Noêmia Guimarães Soares
Rosângela Pedralli

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

CAPÍTULO 26

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM CONTEXTOS VARIADOS: olhares históricos e comparados

Cristine Gorski Severo
Ezra Alberto Chambal Nhampoca
Nathalia Müller Camozzato
*Sara Farias da Silva*¹

1. Introdução

Este capítulo agrupa algumas pesquisas relacionadas diretamente ao Grupo de Pesquisa *Políticas Linguísticas Críticas*, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este Grupo de pesquisa atua em três eixos interligados que envolvem análise e reflexões em torno dos processos discursivos de constituição das línguas a partir de: **um viés político**, focando as tecnologias sócio-históricas de poder; **um viés ético, englobando as** implicações dos conceitos de línguas para a configuração das subjetividades; **um viés estético**, articulando os modos de representação estética à dimensão política do convívio plural e compartilhado na esfera pública.

Assumimos que o campo das políticas linguísticas não é neutro, mas saturado de vozes e de discursos contraditórios e ideologicamente motivados. Neste capítulo, enfocamos o processo de construção e legitimação de discursos e ideologias nacionalistas, a despeito de vivenciarmos um panorama internacional “globalizante” e “transnacional”. Agrupamos três discussões que versam sobre a relação entre as dimensões política, estética e ética, problematizando

¹ **Cristine Gorski Severo** é docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Lidera o grupo de pesquisa sobre Políticas Linguísticas Críticas (<http://politicasinguisticas.paginas.ufsc.br/>). E-mail: crisgorski@gmail.com. **Ezra Alberto Chambal Nhampoca** é doutoranda em Linguística Cognitiva no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Docente na Secção de Línguas Bantu da Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique. E-mail: ch_ezra@yahoo.com.br. **Nathalia Müller Camozzato** é doutoranda em Políticas Linguísticas no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Pesquisa as interseccionalidades entre feminismos, racialidades e linguagem, com ênfase nas questões de oralidade. E-mail: nathaliacrevisao@gmail.com. **Sara Farias da Silva** é doutoranda em Políticas Linguísticas no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Atualmente faz seu doutorado sanduíche como pesquisadora convidada na *Université de Montréal* sobre as Políticas Linguísticas do Quebec e a imigração brasileira. E-mail: foliesara@gmail.com.

visões instrumentais e pragmáticas de língua que, muitas vezes, norteiam os projetos nacionalistas de políticas e planejamento linguísticos.

A primeira seção aborda a maneira como a Era Vargas, no Brasil, articulou em seu projeto nacionalista *língua, identidade e poder*; mais especificamente, trata-se de considerar a emergência de um *dispositivo de oralidade* (CAMOZZATO, 2017), em que discursos de Estado inscreveram o canto e a fala – em tempos da radiodifusão e da visibilidade das cantoras de rádio – em projetos nacionalistas, interseccionando língua, gênero e raça de maneiras específicas. Nesse contexto, assume-se o conceito de *dispositivo*, de acordo com a proposta de Agamben (2009, p. 40-41):

Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - por que não - a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar.

Camozzato (2017) buscou analisar – a partir de um conjunto heterogêneo de discursos – a maneira como a linguagem operou como um dispositivo; mais especificamente, tratou-se de considerar a oralidade como um dispositivo, sendo que os dispositivos se constituem por promoverem uma cisão que “[...] separa o ser vivente de si mesmo e da relação imediata com o seu ambiente” (AGAMBEN, 2009, p. 43).

Ainda na esteira de se considerar a linguagem como um dispositivo político, Nhampoca (2015) analisa as políticas linguísticas em Moçambique, atentando para a maneira como os discursos estatais e institucionais diferenciam, enquadram, rotulam e hierarquizam as línguas por meio de uma política de atribuição de papéis sociais às línguas (línguas oficiais e nacionais, por exemplo). Trata-se de considerar o lugar discursivo atribuído às línguas bantu – que são faladas por 90% da população – na sua relação histórica e política com a língua portuguesa. Reconhecemos, nesse contexto, que a linguagem – os discursos sobre as línguas – opera como um dispositivo político que intersecciona projetos nacionalistas e interesses de grupos econômicos específicos. Nesse sentido, lutar pelas línguas significa lutar pelos direitos de os sujeitos manterem vivas suas práticas sociais e seus modos de compartilhamento.

Assumimos que o nacionalismo é um artefato cultural e político que opera de maneira dispersa e microfísica. Nesse sentido, a língua – tomada como dispositivo – integra a forma de funcionamento do poder nos Estados Modernos. Concordamos com Foucault (2008, p. 144) ao afirmar que:

O Estado nunca teve uma unidade, uma individualidade, uma funcionalidade rigorosa. O Estado talvez não seja mais que uma abstração mitificada cuja importância é bem mais reduzida do que se imagina. Para a nossa atualidade, não é a estatização da sociedade, mas o que eu chamaria de “governamentalização” do Estado.

Nesse sentido, trata-se de considerar a maneira como a língua constitui um dos elementos da governamentalização do Estado e da apropriação, controle e governo dos sujeitos. Em Moçambique, verificamos que os discursos oficiais e institucionais sobre as línguas – as ditas políticas linguísticas estatais e governamentais – operam como um instrumento poderoso e microfísico de controle dos discursos e daqueles que estão mais ou menos legitimados, pela língua que usam, a assumir seus discursos e suas vozes na esfera pública.

Um terceiro exemplo de como as línguas integram dispositivos políticos nacionalistas é o caso do Quebec: trata-se de averiguar a maneira como os discursos em torno da língua francesa são apropriados e absorvidos por uma articulação estabelecida entre políticas de imigração, projetos nacionalistas e políticas de diversidade. Reconhece-se o papel do capitalismo – e da construção da ideia de “qualidade de vida” – como elementos-chaves no modo como os discursos em torno das políticas de imigração são produzidos, inclusive como “propaganda”. Da Silva analisa o processo histórico e institucional das políticas linguísticas quebequenses, em busca de uma compreensão sobre as condições de emergência das políticas de imigração intercaladas por uma política linguística do francês. O contexto da imigração de pessoas brasileiras para o Quebec possibilita indagar a respeito do papel simbólico da língua na construção e legitimação de uma comunidade imaginada – de pessoas brasileiras no Quebec ou de quebequenses *versus* imigrantes. Nesse sentido, concordamos com Anderson (2008, p. 15) ao afirmar que “[...] as comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade ou legitimidade, mas pelo estilo pelo qual são imaginadas”. Esse estilo, reiteremos, é de natureza política.

2. A oralidade como um dispositivo: era Vargas e radiodifusão

Nesta seção, busca-se questionar a espécie de obliteração da oralidade, termo que compreende a materialidade sonora da linguagem (enquanto som, oralidade ou música), operada por diferentes campos disciplinares que tomam a língua enquanto objeto de reflexão e produção de saberes. Trata-se, nesse sentido, de observar como a oralidade foi objeto de uma densidade de discursos que procuravam dizê-la, caracterizá-la, regulá-la, perscrutá-la em um momento específico, compreendido como a Era Vargas (1930-1945), discursos que,

aliados a diferentes técnicas, configuraram um dispositivo (Foucault, 1979, 1999). Camozzatto (2017, p. 76), assume em sua pesquisa que

A oralidade da radiodifusão – a despeito de seu caráter extra-lógico, entre consciente e inconsciente (como veremos a seguir) – emerge em muitas das discursividades documentadas nesta pesquisa como um instrumento de educação, a favor da Cultura (com “C” maiúsculo, distante, portanto, da cultura popular) e dos bons usos linguísticos.

Trata-se, com isso, de averiguar de que maneira o dispositivo da oralidade foi absorvido pelo dispositivo nacional e nacionalista, articulando, de maneira complexa, uma série de elementos com implicações éticas e estéticas.

Por meio do mapeamento de diferentes discursividades da época nomeada como Era Vargas (1930-1945)² buscou-se observar a emergência de um dispositivo da oralidade quando: (i) da tentativa de produção de uma língua nacional que unificasse as relações em um Brasil regionalizado, incluída a oralidade de tal língua nacional; (ii) da emergência e propagação da radiodifusão no Brasil (e enquanto técnica de governo); e (iii) da irrupção e da produção de um campo denominado música popular brasileira. Nesse sentido, a própria noção de dispositivo empregada pela pesquisa dá a ver como a oralidade é inserida no âmbito saber-poder (FOUCAULT, 1999, 2003). Trata-se de dizer, conhecer, perscrutar as diferentes formas assumidas pela oralidade brasileira para, a partir disso, poder regular e legislar sobre tal oralidade, tendo-se em vista que a construção de um sentido unívoco de uma oralidade brasileira em um país regionalizado que se buscava conhecer visava também à regulamentação dessa mesma oralidade.

Ademais, também buscou-se demonstrar como, nos discursos aventados, o dispositivo da oralidade dialogava com maquinarias que produziam o popular (i.e.: a música e a cultura popular) e mobilizava também processos de racialização e generificação dos corpos e dos sujeitos e, mais ainda, como a oralidade, a racialidade e a mulheridade foram ditas em regiões do discurso muito similares: a zona da “intuição”, do fora de controle, do extra lógico, entre outros, e como mais tropos eram convenientemente estratégicos ou perigosos para a construção de uma certa brasilidade, em curso no Estado Novo.

Como forma de entrever o funcionamento do dispositivo da oralidade, em suas diferentes dimensões - entre discursos e técnicas - e nos efeitos de sentido aí produzidos, a investigação, em um segundo momento, passa a

2 Em um campo discursivo que denominamos “zona da intelectualidade”, naquele momento associada ao governo, mapeamos as revistas “Cultura e Política”, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, além de diferentes textos escritos por Mário de Andrade e dos Anais do I Congresso da Língua Nacional Cantada e Falada (1938). O segundo campo, que denominamos “zona da moralidade”, foi integrado por revistas e jornais populares editados na época, notadamente a “Revista do Rádio”.

atentar para os processos de subjetivação que interpelam Aracy de Almeida enquanto cantora negra da música popular brasileira de epônimo “o samba em pessoa”. Observando a forma como Aracy foi eleita enquanto representativa de um cantar “legitimamente brasileiro”, entre outros, por exemplo, por Mário de Andrade (Anais, 1938), buscou-se, nos discursos que diziam seu cantar posicionando-a como cantora símbolo de uma identidade musical nacional, a repercussão da inteligibilidade para a música popular criada pelo dispositivo.

Por outro lado, interessou à pesquisa, além das formas como o cantar de Aracy foi capturada pelo dispositivo, sobretudo a forma como sua performatividade resistiu a ele e, mais ainda, como a cantora agenciou agonisticamente (FOUCAULT, 2003) disjunções aos ordenamentos então produzidos. Cabe salientar, sobretudo, a figura malandra inesperadamente performada por uma mulher, boêmia, cuja fala estava perpassada pelas mesmas gírias e usos populares que eram alvo de restrição pelo dispositivo da oralidade. Nesse sentido, importou dar a ver como as variáveis gênero e raça - que já estavam imbricadas no dispositivo da oralidade - importam também na compreensão da produção ética de si efetuada por Aracy na arena popular, seja quando coadunou com o dispositivo, seja quando resistiu a ele.

3. Línguas de moçambique e aspectos de política linguística

Nesta seção, buscou-se discutir algumas ações linguísticas envolvendo as Línguas Bantu (LB) de Moçambique e o português. Em termos metodológicos, o trabalho baseiou-se em uma breve pesquisa bibliográfica, análise do cenário linguístico atual e de vários eventos que remetem à sinalizações de política linguística em Moçambique, que denominamos para efeitos deste trabalho por *práticas favorecedoras*, as que visam retrair a prática linguística real do país e de *práticas desfavorecedoras*, as que evidenciam atitudes que não coadunem com o real linguístico do país. Usou-se também a experiência da autora como sujeito vivenciador desses eventos. Tomou-se como referencial teórico, autores como Severo (2014), Siteo (2014), Timbane (2013) e Timbane e Nhampoca, (2016), entre outros).

O acervo linguístico de Moçambique é constituído por línguas de origem Bantu, Europeia, Asiática e línguas do Médio Oriente, sendo as LB as mais faladas. A maioria dos moçambicanos é bilíngue no contexto das LB moçambicanas e, por vezes, até trilingue (PATEL, 2006). Apesar disso, o português é a única Língua Oficial (LO) do país (MOÇAMBIQUE, 2004), o que se revela uma prática desfavorecedora para um cenário multilingue de Moçambique.

Moçambique possui acima de 20 LB, faladas por cerca 80% da população, quer como Língua Materna (LM), quer como Língua Segunda (LS).

Os falantes de Português como LM passaram de 1,2% em 1980, para 6,5% em 1997 e 10,7% em 2007. Assim, as LB prevalecem em cerca 89,3% contra 10,7% de falantes do Português como LM. Apesar da ligeira subida de falantes do Português como LM, os dados mostram o quanto as LB resistem às investidas da LO. Isso significa que Moçambique, sob ponto de vista linguístico real, é mais um país bantófono do que lusófono – talvez podemos defender que seja lusófono sob ponto de vista da política e do planeamento linguístico (TIMBANE, 2013).

Isso não significa que os moçambicanos não valorizem o português, pois este é encarado pelos moçambicanos como seu troféu, conquistado à custa de muito sangue derramado na luta contra o colonialismo. Por isso, é parte integrante do legado histórico que os moçambicanos se prezam em conservar e desenvolver (SITOE, 2014), mas desenvolvê-lo como Português de Moçambique (PM), relacionado a outros “portugueses do mundo”, cunhando o conceito de “ingleses do mundo” de Pennycook (2012), mas diferente, no sentido em que o PM, tal como o Português do Brasil (PB) e o Português de Portugal (PP) incorpora aspectos específicos inerentes ao contexto real da forma como os falantes moçambicanos usam essa sua língua resultante da colonização, ou seja, o PM. A sociedade moçambicana no geral, reivindica apenas e isso sim, que o alto estatuto dado ao português, seja extensivo às LB (SITOE, 2014), isto é, uma paridade linguística entre o Português e as LB.

Nos últimos anos tem havido muitos eventos que tendem a favorecer uma política linguística de paridade entre as LB e o português. A título do exemplo, nomeadamente: o fato de os falantes continuarem falando preferencial e massivamente suas línguas, sobretudo nas zonas rurais, onde se concentra a maior parte da população; a ação da Rádio Moçambique em apostar em programações em línguas locais; as universidades Eduardo Mondlane (UEM) e Pedagógica (UP), que sempre apostaram no ensino e em pesquisas em LB – um exemplo disso é curso de licenciatura em ensino de LB da UEM, desde 2005, funcionando atualmente com 19 LB; a produção de materiais ditáticos de e em LB por parte do Instituto Nacional de desenvolvimento da Educação, Secção de Línguas Bantu da UEM; a oficialização das LB nas assembleias provinciais; a introdução, implementação e os resultados positivos do Ensino Bilingue (cf. NHAMPOCA, 2015).

Dentre vários aspectos mencionados acima, destacamos dois que a nosso ver, têm contribuído grandemente para ações visando a inclusão das LB em práticas linguísticas de Moçambique, a saber: 1) o fato de os falantes terem continuado a falar suas línguas e a viver suas vidas em função dessas línguas, mostrando que “As línguas não são realidades autônomas, pré-existentes, isoladas e abstratas, mas sim produtos de práticas sociais historicamente

situadas. (SEVERO, 2014, p. 11). 2) O Ensino Bilíngue que Sobre o ensino bilíngue que citamos há pouco, Chimbutane (2011 apud Gonçalves, 2012), está contribuindo no aumento da visibilidade das LB. O autor chega a prever que, em breve, para além de motivações socioculturais, aprender uma LB pode vir a ter também motivações socioeconômicas, contrariando a tendência que se verificava até aqui de considerar o português como a única língua de acesso a mercados de trabalho formais, o que pode aumentar a autoestima dos moçambicanos e um exercício pleno de sua cidadania, garantindo também a sua integração e construção de um projeto nacional da diversidade que caracteriza Moçambique (GONÇALVES, 2012).

São alguns passos que se acredita que podem melhorar a situação diglósica que até aqui se verifica no país e levar a uma planificação linguística e educacional que espelhe a realidade do país. Seria preciso, portanto, instar as entidades acadêmicas, governamentais, da sociedade civil, entre outras a militar por estudos e planificação linguísticos que estabeleçam uma política linguística de inclusão, que coadune com as práticas linguísticas e sociais realmente existentes no país (SEVERO, 2014).

4. O imigrante brasileiro no Québec³: o “perfil ideal”

Esta seção é um recorte de uma pesquisa mais ampla que analisou a relação entre as Políticas Linguísticas do Quebec e sua Política de Imigração, tendo como enfoque a comunidade brasileira residindo, contemporaneamente, na província do Quebec, mais precisamente na cidade de Montreal.

Justifica-se a escolha desse tema por dois principais motivos: o primeiro é que o Quebec, província francófona pertencente ao Canadá, é uma referência no que diz respeito às políticas linguísticas (CALVET, 2007), visto que mesmo estando localizada dentro de um território majoritariamente anglófono, após a década de 1960, com a *Révolution Tranquille*⁴, consolida as demandas de um povo que se reconhece *québécois*, tornando o francês sua língua

3 *Québec*, em francês, leva acento agudo na vogal “e”. Já no português brasileiro, a grafia considerada correta é Quebec, sem acento agudo na vogal “e”. Nesse trabalho foi considerado a grafia do português brasileiro, Quebec. Quando em itálico, *Québec* levará um acento, pois estaremos nos referindo à grafia em língua francesa. É importante, também, atentar para a preposição que antecede a palavra Quebec, pois existe a província do Quebec, cuja capital é a cidade de Quebec. No português brasileiro, quando utilizarmos a preposição “em”, estamos nos referindo à cidade de Quebec e, quando usarmos a preposição “no”, estamos nos referindo à província do Quebec.

4 A *Révolution Tranquille* foi um período de rápidas mudanças nas esferas públicas, jurídicas e oficiais vividas pela província do Quebec nos anos de 1960. Nesse período, ocorreu também um movimento separatista do Québec em relação ao Canadá anglófono. Não houve essa separação territorial, porém, houve uma separação político-linguística que permanece atuando na sociedade quebequense e na federação canadense. Mais informações sobre a *Révolution Tranquille* em: Corbo e Berthiaume (2011).

oficial (BOUCHARD, 2001; REY, 2008). A principal peça linguística que fundamenta essa conquista político-linguística no Quebec é *La Charte de La Langue Française*⁵ – A Carta da Língua Francesa – (MARTEL; PÂQUET, 2010), também conhecida como La Loi 101 – Lei 101 –, adotada em 1977 na sociedade quebequense e pela Federação Canadense. Segundo Calvet (2007), o componente essencial do poder do Estado para impor determinadas situações linguísticas se trata da lei, pois, segundo o autor, não existe planejamento linguístico sem suporte judiciário. Ao ser implementada na província do Quebec, a Lei 101 fez do francês a língua do Estado e da Lei, assim como a língua comum e habitual do i) trabalho, ii) do ensino, iii) dos meios de comunicação e iv) do comércio e dos negócios.

No que diz respeito às políticas de imigração, a Carta da Língua Francesa (1977) opera, objetivamente, demarcando o uso obrigatório do francês nas esferas públicas da sociedade quebequense pelos novos imigrantes. Segundo Levine (1998), após a Segunda Guerra Mundial e até a implementação da Carta da Língua Francesa (1977), por haver uma divisão linguística do trabalho em que os habitantes de origem francesa obtinham os piores postos e salários, os imigrantes que chegavam à cidade de Montréal optavam pelo inglês por considerarem esta língua a porta de entrada para o mundo do mercado de trabalho. Nesse sentido, com a implementação da Lei 101, as políticas linguísticas quebequenses não só asseguraram a língua francesa e a identidade do povo Québécois, pela Federação Canadense, mas também guiaram, de forma direta, as políticas de imigração no que diz respeito ao uso do francês pelos novos imigrantes em todas as esferas públicas, oficiais e jurídicas, seja exigindo uma competência linguística do francês no processo de seleção para imigrar ao Quebec; seja criando um curso denominado *francisation*⁶ [francisação] voltado para a “integração” social, escolar e profissional dos novos imigrantes não francófonos; seja obrigando que as crianças dos novos imigrantes frequentassem o ensino público francófono; seja descrevendo a língua francesa como única língua possível para uma “boa integração” na sociedade quebequense.

O Quebec, assim como o Canadá, continua apostando na imigração como principal estratégia para o seu crescimento demográfico e socioeconômico. Essa aposta é comum na maioria dos países ditos desenvolvidos e que são afetados pelo baixo crescimento natural da população (MONNOT,

5 Disponível em: <[http://www.scfp3535.com/documents/Loi_Reglements/Charte_de_la_langue_francaise_Loi-101_\(10-2010\).pdf](http://www.scfp3535.com/documents/Loi_Reglements/Charte_de_la_langue_francaise_Loi-101_(10-2010).pdf)>.

6 O termo *francisation* apareceu pela primeira vez em 1998, nas orientações governamentais, se referindo a uma prática de integração voltada ao novo imigrante que não tinha o francês como língua materna. Disponível em: <<http://treaqfp.qc.ca/historique-en-francisation/quentend-on-par-francisation-des-immigrants-adultes/>>.

2012). Conforme Gomes (2005), é habitual que os estudos sobre imigração priorizem como base de análise questões mais voltadas para a demografia, economia e fatores sociais e culturais. Contudo, o Quebec apresenta um fator a mais em sua política de imigração que motiva a escrita do presente artigo: o fator político-linguístico. Assume-se, então, que as políticas envolvendo línguas têm um papel importante na construção das políticas de imigração, especialmente nesse caso e, por isso, considera-se que a língua francesa esteve e está a serviço de um papel político demarcado, oficialmente, desde a criação da Carta da Língua Francesa (1977) – carro chefe das Políticas Linguísticas do Quebec – até os dias atuais.

O segundo motivo, portanto, diz respeito às Políticas de Imigração do Governo Quebequense que, a partir de 2008, definiu o Brasil como uma área de imigração qualificada para investir sua política de imigração e atrair novos imigrantes no intuito de aumentar o seu crescimento socioeconômico, demográfico e linguístico na sociedade quebequense. Se o enfoque das políticas de imigração do Quebec é também o aumento linguístico, qual a razão do Brasil ter se tornado uma área de imigração qualificada sendo que a língua materna é o português brasileiro? Qual o perfil de imigrante brasileiro que o Governo Quebequense seleciona para imigrar na sociedade quebequense? Para contemplar essas perguntas e a perspectiva do imigrante brasileiro nesse processo de imigração, foi realizada uma pesquisa de inspiração etnográfica na cidade de Montreal, entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017. A pesquisa contou com entrevistas com a comunidade brasileira, com aplicação de questionários virtuais e a realização de diários sobre os/as entrevistados/as. A partir dessa pesquisa, constatamos que o imigrante brasileiro apresenta um perfil considerado “ideal” dentro das exigências contidas na política de imigração quebequense e no desenvolvimento da vitalidade do francês na sociedade quebequense.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: _____. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 21-53.

ANAIS do I Congresso da Língua Nacional Canta. Departamento de Cultura do Governo do Estado de São Paulo, 1938.

BOUCHARD, G. **Genèse des nations et cultures du Nouveau Monde**. Québec: Éditions du Boréal, 2001.

CALVET, L.-J. **As políticas linguísticas**. Florianópolis; São Paulo: Ipol; Parábola, 2007.

CAMOZZATO, N. M. **O samba em pessoa**: Aracy de Almeida e o dispositivo da oralidade. 2017. 213 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

CORBO, C.; BERTHIAUME, G. **La révolution tranquille en héritage**. Quebec: Éditions du Boréal, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.

_____. Poder e saber. In: _____. **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003. p. 231-249.

_____. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMES, C. P. Os estudos de imigração: sobre algumas implicações políticas do método In: FERREIRA, A. P.; POVOA NETO, H. **Cruzando fronteiras disciplinares**: panorama dos estudos migratórios. (2005). Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_CharlesP_Gomes_OsEstudos_de_imigracao_sobre_algunas_implicacoes_politicas_do_metodo.pdf>. Acesso em: 4 ma. 2017.

GONÇALVES, M. P. Lusofonia em Moçambique: com ou sem glotofagia? II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA HOMENAGEM A ATALIBA TEIXEIRA DE CASTILHO. São Paulo, 2012. (Comunicação Oral).

LEVINE, M. V. **La reconquête de Montréal**. Montréal/Québec: VLB Éditeur, 1997.

MARTEL, M.; PÂQUET, M. **Langue et politique au Canada et au Québec: une synthèse historique**. Québec: Éditions du Boréal, 2010.

MOÇAMBIQUE. Constituição da República de Moçambique, de 16 de Novembro de 2004, artigos 09/10, dispõem sobre línguas nacionais e língua oficial. Disponível em: <<http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

MONNOT, L. **La politique de sélection des immigrants du Québec**. Québec: Éditions Hurtubise, 2012.

NHAMPOCA, Ezra. Ensino bilíngue em Moçambique: introdução e percursos. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 82-100, ago./dez. 2015.

PATEL, S. **Olhares sobre a educação bilíngue e seus professor numa região de Moçambique**. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. **Language and mobility. Unexpected places**. Bristol: Multilingual Matters, 2012.

REY, Alain. **Le français: une langue qui défie les siècles**. Paris: Découvertes Gallimard, 2008.

SEVERO, C. Línguas e Estados Nacionais: problematizações históricas e implicações. In: SERRA, C. (Org.). **Estão as línguas nacionais em perigo?** Cadernos de Ciências Sociais. Maputo: Escolar Editora, 2014. p. 9-36.

SITOE, B. Línguas Moçambicanas, Como Estamos? In: SERRA, C. (Org.). **Estão as Línguas Nacionais em Perigo?** Cadernos de Ciências Sociais. Maputo: Escolar Editora, 2014. p. 37-75.

SITOE, B. A produção, promoção e divulgação em línguas bantu moçambicanas: bulu na mufundhisi [Conversa com o professor] Bento Siteo: entrevista. **Revista Linguagem**: Estudos e Pesquisas, Goiás, v.20, n. 2, p. 17-30, jul./dez. 2016. [Entrevista concedida a Alexandre Timbane e Ezra Nhampoca].

TIMBANE, Alexandre. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. 318 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2013.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Atilio Butturi Junior

Tem doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC | 2012) e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (2015). É docente do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Líder do Grupo de Estudos no Campo Discursivo e membro do Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada (NELA), é editor-chefe da Revista Fórum Linguístico e, ainda, docente do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul. Atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa – com bolsa da CAPES-Brasil – sob supervisão do professor José Luís Toivola da Câmara Leme. Tem se dedicado aos estudos do campo discursivo e à arqueogenealogia foucaultiana.

Celdon Fritzen

Atua como professor área de Literatura Portuguesa do Departamento de Língua e Literatura Vernácula da UFSC da Universidade Federal de Santa Catarina, Seu doutorado é em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2000) e pós-doutorado pela Universidade de Coimbra (2016). Participa como professor permanente do PROFLETRAS/UFSC, programa no qual vem orientando trabalhos vinculados à interface entre literatura e educação. Também é sobre essa temática que atualmente a investigação de suas pesquisas tem se debruçado.

Maria Ester W. Moritz

É professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da UFSC e atua no Programa de Pós-Graduação em Inglês da mesma universidade. Possui doutorado em Letras pela PPGI/UFSC (2006) e realizou pós-doutorado na Universidade da Califórnia Santa Bárbara (UCSB) em 2015. Atua como membro dos seguintes grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa Aprendendo a ser Professor: uma abordagem sociocultural à formação de professores (GPFor) e *Iniciativas de Lectura Y Escritura en la Educación Superior en América Latina* (ILEES). É também um dos membros-fundadores da Associação Latino-Americana de Estudos da Escrita na Educação Superior e em Contextos Profissionais (ALES). Suas pesquisas se situam na área dos estudos de escrita, principalmente em contextos acadêmicos.

Noêmia Guimarães Soares

É professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua na área de Língua Francesa. Tem doutorado em Linguística pela UFSC (2005) e pós-doutorado pelo ITEM (Paris) – Institut de Textes et Manuscrits Modernes – e pela PUC-Rio (2014). Integra o Núcleo de Estudo de Processos Criativos (NUPROC / UFSC / Brasil) e também a Equipe *Multilinguisme, traduction, création* no ITEM / ENS / CNRS (França) como correspondente estrangeira. Parte de seus trabalhos relaciona-se aos Estudos da Tradução e também ao ensino da língua francesa nos domínios da fraseologia, da psicolinguística em interface com a tradução e do uso da tradução no ensino de LE. Dedicar-se atualmente à pesquisa sobre os manuscritos do antigo imperador Pedro II (Genética dos textos) e também à pesquisa sobre as possibilidades de diálogo entre a leitura em voz alta, a literatura e a performance.

Rosângela Pedralli

É mestre e doutora em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou como professora-formadora no Pró-Letramento Linguagem (2010-2012) e como docente-executiva de Língua Portuguesa na Atualização da Proposta Curricular de Santa Catarina (2014). Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, atuando no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, no PROFLETRAS/UFSC e no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/UFSC). Membro do Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada - NELA e, no âmbito deste Núcleo, membro do grupo de estudos 'Cultura escrita e escolarização'. Tem interesse por ensino e aprendizagem de língua materna em diferentes níveis de escolarização e cultura escrita em processos de escolarização, filiando-se à base histórico-cultural.